

Brindamos os leitores com mais uma edição da O&S. Iniciamos o conjunto de artigos com a contribuição de Ernesto Michelangelo Giglio. O autor apresenta uma proposta de inclusão do ator consumidor em pesquisas sobre redes. O artigo resulta da análise de 82 artigos de redes selecionados, cujos objetivos incluíam o consumidor; análise esta que revelou que o consumidor está ausente como ator, tanto teoricamente quanto nas sugestões gerenciais. O consumidor ocupa um papel secundário na rede, sendo raros os estudos sobre a gestão de sua participação. Entre as causas dessa ausência, destacam-se a dominância de modelos sócio-técnicos de redes e o uso de teorias da psicologia do indivíduo que abordam o consumidor, visto pelo autor como inadequados. Nas conclusões, é proposto um conjunto de princípios que incluem o consumidor como ator da rede, ampliando, assim, o campo de reflexões e de pesquisas da área.

Por sua vez, o artigo de Yana Torres de Magalhães, Antonio Carvalho Neto e Luiz Alex Silva Saraiva, analisa, sob a ótica dos fiscais de contrato, as práticas gerenciais relacionadas à qualificação de terceirizados e seus desdobramentos. A pesquisa, baseada em um estudo de caso no setor de mineração, produziu resultados que revelaram que os requisitos e a dinâmica do processo de terceirização se baseiam em aspectos bastante formais, identificando a ocorrência de oito práticas principais voltadas à qualificação de terceirizados. A existência de uma área responsável pelo acompanhamento dos serviços terceirizados facilita a adoção de práticas de gestão e, juntamente com o treinamento dos gestores, explica em parte os resultados encontrados. Apesar da existência das práticas, os autores percebem a predominância de uma preocupação com os custos quando a empresa decide pela terceirização, sugerindo que ainda há muito a evoluir para garantir a efetividade do processo.

Da área ambiental e da lavra de Alexandre do Nascimento Souza e Pedro Roberto Jacobi chega-nos o artigo seguinte. Este apresenta uma reflexão sobre as práticas sociais em torno de um conflito ambiental. O artigo identifica e analisa o contexto das conflituosas relações entre o movimento social e populações atingidas, de um lado, e IBAMA (Estado) e CBA/CNEC (Empreendedor), do outro, durante o longo processo de licenciamento ambiental do aproveitamento de Tijuco Alto no Estado de São Paulo. O texto se apóia na noção da mudança estrutural da esfera pública de Habermas eleita como base conceitual da reflexão. A hipótese do estudo repousa na proposta que a democratização traz à cena novos atores sociais portadores de novas demandas, não sendo a ampliação dos espaços de participação social acompanhada pelo processo de licenciamento ambiental. Observam os autores um descompasso entre a experiência desses atores sociais nos espaços de participação política com caráter deliberativo, em muitos deles, com a experiência vivenciada nos processos de licenciamento ambiental.

Alexandre Gomes Galindo, Samuel Façanha Câmara e Elias Pereira Lopes Júnior trazem um artigo versando sobre os desafios de um arranjo produtivo local de tecnologia de informação. Partindo do princípio que a coordenação das atividades colaborativas, visando à obtenção e consolidação de vantagens competitivas sustentáveis, é considerada como característica básica de uma governança local indutora de desenvolvimento regional, o artigo persegue o objetivo de identificar os desafios relacionados com o desenvolvimento do Arranjo Produtivo Local (APL) de Tecnologia da Informação (TI) de Fortaleza, mediante a análise dos conteúdos dos discursos declarados pelas instituições representativas do setor. Foram identificados trinta e cinco desafios relacionados com o desenvolvimento do APL de Fortaleza, agrupados em quatro fatores críticos que refletem as principais demandas, de acordo com as bases para o fortalecimento da infra-estrutura e das relações de mercado do aglomerado.

Carolina Freddo Fleck e Breno Augusto Diniz Pereira voltam-se em sua produção para a área educacional universitária, admitindo que esta tem buscado maior profissionalização de seus cargos administrativos a partir da necessidade de conciliar a gestão administrativa, pedagógica, acadêmica e científica. O estudo tem como objetivo verificar o perfil de Competências Gerenciais dos coordenadores dos Programas de Pós-Graduação das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) do Rio Grande do Sul, procurando identificar se estes possuem características que teoricamente são consideradas as ideais para desempenhar as atribuições do cargo que ocupam. Foi

utilizado o modelo teórico de Gary Yukl o qual divide o perfil de Competências Gerenciais entre administrar tarefas e administrar relações. O questionário utilizado foi construído com base na referida teoria e validado por meio de uma análise fatorial exploratória, sendo enviado para 261 coordenadores da totalidade dos cursos de pós-graduação no Rio Grande do Sul, nas modalidades *lato sensu* e *stricto sensu*, obtendo um retorno de 163 questionários, sendo 161 considerados válidos para a análise. As análises estatísticas da relação entre a área de conhecimento e o perfil de Competência Gerencial demonstraram que as áreas com características mais racionais e “científicas” estão mais relacionadas aos construtos que direcionam para administração do trabalho e/ou execução de tarefas. Por outro lado, as áreas com características mais subjetivas, como as Humanas, apresentam uma relação mais forte com os construtos sobre administrar relações interpessoais.

Kely César Martins de Paiva e Vanessa Luciana Lima Melo de Avelar apresentam artigo que descreve e analisa os profissionais de uma central de regulação médica de um Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU), observando variáveis de qualidade de vida no trabalho. Baseados nos referenciais teóricos de Walton (1973) e Hackman e Oldham (1975), os resultados apontam para um nível satisfatório de qualidade de vida no trabalho, com maior destaque aos aspectos “possibilidade de crescimento”, “potencial motivacional da tarefa” e “relevância social” em poder ajudar, direta ou indiretamente, as pessoas que demandam atendimento. Apesar dos resultados favoráveis, a fala dos sujeitos sinaliza para a necessidade de melhorias em aspectos de infra-estrutura, adequação de escalas e jornadas de trabalho com a realidade específica do município e volume de atendimentos, bem como a interlocução do SAMU com os serviços hospitalares e pré-hospitalares fixos, além da conscientização da população. A análise aponta que a retaguarda da supervisão na resolução destes problemas e uma busca constante pela melhoria da qualidade de vida no trabalho podem contribuir para manter os profissionais em seus postos de trabalho.

Da lavra de Ana Paula Paes de Paula, Daniel Calbino, Dimitri Toledo, Fernanda Tarabal, Leonardo Mascarenhas e Raquel Barreto temos artigo que se debruça sobre a Economia Solidária, buscando demonstrar a contribuição da noção de Imaginário Social na mudança de valores e efetivação de um projeto radical de Economia Solidária. Acreditam os autores que o entrelaçamento entre estrutura e cultura e entre práticas e valores deve ser indissociável, e ter, como pano de fundo e força motriz, o imaginário social. Partem os autores da constatação que a Economia Solidária é hoje um movimento dividido em duas correntes teóricas, que dão ensejo a dois projetos políticos distintos: um conservador, de inserção de trabalhadores na economia capitalista, e outro radical, de transformação da economia e estabelecimento de novos valores sociais. No bojo do projeto radical, vários desafios se interpõem no percurso, principalmente aqueles ligados à dificuldade de modificar os valores que sustentam as novas práticas.

Fechando o conjunto de artigos, encontra-se a contribuição de Artur Neves de Assis que integra o modelo tetralógico da complexidade de Morin e a teoria neoinstitucionalista de análise organizacional, para analisar o papel do Programa Pró-Guaíba na institucionalização do conceito de sustentabilidade em um campo organizacional formado por onze instituições co-executoras na Região Hidrográfica do Guaíba, no Brasil. Os resultados mostram como foi possível obter uma descrição neoinstitucional e complexa do papel do Programa em criar as necessárias interações entre estas instituições de forma a estruturar um campo organizacional sustentável e, enfim, institucionalizar o conceito de sustentabilidade.

Encerramos esta edição 57 da O&S com a seção Idéias em Debate trazendo duas contribuições em um mesmo leito de provocação. Por um lado, Rafael Alcadipani com o texto “Academia e a Fábrica de Sardinhas” e, por outro, Peter Spink e Mário Aquino Alves com o escrito “O campo turbulento da produção acadêmica e a importância da rebeldia competente”, os três da EAESP-FGV. Alcadipani sustenta sua crítica na invasão do gerencialismo na vida acadêmica e, assim, o processo de produzir conhecimento estaria seguindo as mesmas normas de gestão da produção em série de latas de sardinha. Como resultado, gera-se “um *habitat* bastante inóspito para o acadêmico de vocação”, com “esvaziamento da reflexão”, bem como “ataques à

liberdade acadêmica" e, ainda, "a difusão de formas de avaliação de desempenho de professores similares a de empresas", entre outros efeitos.

Aponta o autor que "produção acadêmica se transformou em sinônimo de fazer pontos", levando os docentes a terem que produzir e publicar vários artigos por ano, construindo uma "lógica da academia produtivista", onde "o tempo para reflexão é deixado de lado", não sendo a pesquisa realizada a fundo. Nesta esteira, aqueles "que questionam são logo estigmatizados como causadores de problema e a sua opinião é simplesmente deixada de lado". Isto posto, clama o autor pela necessidade de outro modelo, rejeitando de imediato o modelo anterior da cátedra e concedendo que "os professores e pesquisadores precisam "publicizar" o que fazem, terem "tempo para amadurecer suas idéias", bem como "liberdade para expor seus pontos de vista sem ter que se preocupar em agradar um cliente ou um patrão." Em síntese, a "academia precisa urgentemente rever o caminho que esta trilhando, pensar em uma nova maneira de se organizar que leve em consideração as suas peculiaridades e sua finalidade social. Deixar a nobre tarefa de produzir e divulgar conhecimento para a lógica das fábricas de sardinha é antes de qualquer coisa um desperdício".

Por um caminho diferente, Peter Spink e Mário Aquino Alves também chegam a conclusões parecidas. Iniciam sua peça iconoclasta detectando "as exigências crescentes da produção acadêmica e os *ratings* da avaliação CAPES" restringindo o foco ao "campo da administração nas suas variedades distintas". Destacam a idéia da necessidade de "publicar menos e em melhor nível" ao tempo que também detectam "o crescente *gerencialismo* na condução das universidades, resultado da presença da cultura de auditoria na sociedade contemporânea", na qual a universidade estaria sendo reduzida "a uma prestadora de serviços de educação terciária que necessita uma gestão profissional".

Levando em conta o fato da Universidade no Brasil ser um fato recente, os autores valorizam a questão dos "múltiplos saberes e com a conseqüente não linearidade do conhecimento", bem como questionam a posição da "existência de um conhecimento facilmente avaliado a partir de índices de publicação ou de impacto". Questionam, também, a formação de apenas uma agenda global de conhecimento e a não valorização da agenda local, o que faz com que a universidade se feche "atrás de seus muros e se esconda no interior de seu *campus*, para concentrar-se nas suas tarefas nobres: a preparação de textos para congressos e de publicações para revistas que testemunham o engajamento na agenda internacional".

Criticam Spink e Alves a "preocupação com *rankings* e indicadores", trazendo ao debate o fato de que as "revistas internacionais são raramente internacionais, mesmo quando utilizam o nome. Na administração e nas ciências sociais aplicadas, são em sua grande parte norte americanas e inglesas e as pessoas que encontramos em congressos internacionais destes países estão, em geral, seguindo agendas relevantes para estes países".

Vemos, assim, que os dois artigos trazem provocações substanciais para um debate profícuo que extrapola um suposto dilema "publicar ou não publicar"; mas sim discutir as entranhas da Universidade contemporânea no Brasil. Como é de praxe, a O&S convidará pelo menos dois acadêmicos para debater o assunto, o que constará de sua próxima edição.

Encerramos esta edição com a costumeira publicação do Índice de Endogenia da O&S, abaixo.

Boa leitura a todos/as
José Antonio Gomes de Pinho
Editor O&S

Índice de Endogenia desta edição (artigos por professores/alunos da instituição:
Escola de Administração/NPGA/CIAGS) - zero (em 8): zero
Índice de Endogenia acumulado (calculado desde o número 42): 12,8%